Revista Eletrônica
Acervo Saúde
Electronic Journal Collection Health ISSN 2178-2091

Educação em saúde e sexualidade no cotidiano de pessoas com deficiência intelectual: relato de experiência

Health and sexuality education in the daily lives of people with intellectual disabilities: experience report

Educación para la salud y la sexualidad en la vida cotidiana de las personas con discapacidad intelectual: relato de experiencia

Adriane Bonotto Salin[1], Bruna Alessandra Araújo Souza[1], Catarina Bravo Lêmos[1], Gabriela Araujo Sales[1], Geovanna Rocha Fraga[1], Khatlim Ingrid de Lima Silva[1], Larissa Ferreira Campo[1], Letícia Ferreira Torres Soares[1].

RESUMO

Objetivo: Relatar uma experiência educativa sobre higiene pessoal, autocuidado, sexualidade, prevenção de gravidez indesejada e relações interpessoais no cotidiano de pessoas com deficiência intelectual, destacando a sexualidade como ferramenta de diálogo e elemento essencial para a promoção da saúde reprodutiva. **Relato de experiência:** A ação foi desenvolvida em instituição voltada ao atendimento de pessoas com deficiência intelectual, envolvendo acadêmicos da saúde em atividades participativas com linguagem acessível. Utilizaram-se rodas de conversa, demonstrações e materiais visuais para abordar anatomia, higiene e métodos contraceptivos. Os participantes demonstraram curiosidade, formulando perguntas e compartilhando vivências, o que evidenciou carência de espaços seguros para esclarecimentos sobre sexualidade. O vínculo estabelecido favoreceu a expressão de sentimentos e o reconhecimento do autocuidado como parte da saúde integral. **Considerações finais:** A experiência destacou a importância da educação em sexualidade para fortalecer autonomia e prevenir vulnerabilidades em pessoas com deficiência intelectual. O projeto ampliou a consciência dos acadêmicos sobre inclusão e responsabilidade social, reafirmando o papel da extensão universitária na promoção do respeito à diversidade e na construção de ambientes educativos mais humanizados.

Palavras-chave: Sexualidade, Educação sexual, Projeto de extensão, Saúde.

ABSTRACT

Objective: To report an educational experience on personal hygiene, self-care, sexuality, prevention of unwanted pregnancy, and interpersonal relationships in the daily lives of people with intellectual disabilities, highlighting sexuality as a tool for dialogue and an essential element for promoting reproductive health. **Experience report:** The intervention took place in an institution dedicated to serving people with intellectual disabilities and was conducted by health students using accessible and participatory strategies. Group discussions, practical demonstrations, and visual materials were employed to address anatomy, hygiene, and contraceptive methods. Participants actively engaged, asking questions and sharing experiences, which revealed the lack of safe spaces to discuss sexuality. The environment fostered trust, emotional expression, and awareness of self-care as part of holistic health. **Final considerations:** The experience emphasized the

[1] Faculdade Unisapiens, Porto Velho – RO.

SUBMETIDO EM: 10/2025 | **ACEITO EM: 11/2025** | **PUBLICADO EM: 12/2025**

importance of sexual education in promoting autonomy and reducing vulnerability among individuals with intellectual disabilities. It also enriched students' social sensitivity and professional responsibility, reinforcing the role of university extension in fostering inclusion and respect for human diversity. The project reaffirmed sexuality as a fundamental dimension of health and human development.

Keywords: Sexuality, Sexual education, Extension project, Health.

RESUMEN

Objetivo: Relatar una experiencia educativa sobre higiene personal, autocuidado, sexualidad, prevención del embarazo no deseado y relaciones interpersonales en la vida cotidiana de personas con discapacidad intelectual, destacando la sexualidad como herramienta de diálogo y elemento esencial para la promoción de la salud reproductiva. **Relato de experiencia:** La acción se desarrolló en una institución dedicada a atender a personas con discapacidad intelectual. con la participación de estudiantes de salud, utilizando metodologías accesibles y dinámicas. Se llevaron a cabo círculos de diálogo, demostraciones prácticas y recursos visuales para abordar anatomía, higiene y anticoncepción. Los participantes mostraron interés y compartieron dudas, evidenciando la falta de espacios seguros para hablar sobre sexualidad. El intercambio promovió confianza, reconocimiento del cuerpo y comprensión del autocuidado. **Consideraciones finales:** La experiencia evidenció que la educación sexual inclusiva es fundamental para fortalecer la autonomía y prevenir riesgos en personas con discapacidad intelectual. Asimismo, sensibilizó a los estudiantes sobre la responsabilidad social y el respeto a la diversidad, reafirmando el papel de la extensión universitaria en la promoción de entornos educativos más humanos e inclusivos.

Palabras clave: Sexualidad, Educación sexual, Proyeto de extensión, Salud.

INTRODUÇÃO

A inclusão social de pessoas com deficiência ainda enfrenta inúmeros desafios, relacionados a barreiras atitudinais, estruturais e institucionais, que limitam o pleno exercício de seus direitos. Evidências recentes apontam que intervenções voltadas ao desenvolvimento de habilidades sociais, à comunicação e ao apoio pessoal apresentam impacto positivo e significativo na promoção da inclusão, fortalecendo tanto as relações familiares e comunitárias quanto à participação social ampla desse grupo (SARAN A, et al., 2023).

De acordo com o Ministério da Educação (BRASIL, 2023), a Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável, viabilizando a relação transformadora entre a Universidade e a Sociedade. Podem ser incluídas atividades que promovem a comunicação e a atuação para transformar a sociedade, como projetos de pesquisa, cursos, programas, palestras, atividades voluntárias, práticas culturais, entre outras. Nesse sentido, essas ações proporcionam aos estudantes experiências fundamentais que enriquecem a formação acadêmica, saindo da rotina da sala de aula e permitindo que os alunos tragam seus conhecimentos teóricos para as práticas, desenvolvendo habilidades sociais e pessoais.

A Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988) e a Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2015) estabelecem diretrizes e normas para garantir a acessibilidade de pessoas com deficiência intelectual, uma vez que a sua não aplicabilidade limita o acesso à educação, à participação social, às oportunidades de emprego e à autonomia. Nesse contexto, a inclusão de práticas de extensão na formação acadêmica dos cursos de graduação surge como uma estratégia para aproximar a educação do contexto social e das demandas do mercado de trabalho, possibilitando que os estudantes desenvolvam competências práticas e ampliem sua capacidade de atendimento qualificado. Contudo, estudos indicam que a temática da saúde e da sexualidade ainda representa um desafio para esse público, uma vez que, apesar do interesse e da necessidade de aprendizagem, o conhecimento é frequentemente adquirido de forma informal e experiencial, em detrimento de processos educativos sistematizados e acessíveis (HOLE R, et al., 2022).

Adicionalmente, a literatura evidencia que há discrepâncias entre as percepções da sexualidade de pessoas com deficiência intelectual quando observada sob diferentes perspectivas sociais. Gil-Llario MD, et

al. (2023) demonstraram que indivíduos, pais e profissionais atribuem níveis distintos de conhecimento e apresentam preocupações divergentes sobre a vida sexual desse grupo, revelando a complexidade da temática e a necessidade de uma abordagem educativa que integre não apenas a pessoa com deficiência, mas também aqueles que participam diretamente de sua formação e cuidado.

Neste contexto, o presente relato de experiência evidencia a relevância da extensão universitária na promoção da saúde, ao possibilitar a troca de saberes, a vivência prática e a disseminação do conhecimento junto à comunidade. O Projeto de Extensão Universitária *"Faça Sua Parte: DoeAção"* contribui para a formação integral dos futuros profissionais da saúde, preparando-os para atender, educar e acolher pessoas com deficiência intelectual. Ao mesmo tempo, busca fomentar a informação e a conscientização acerca de diferentes temáticas relacionadas à saúde e à sexualidade, favorecendo a inclusão e fortalecendo a proteção social.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Refere-se a um relato de experiência vinculado a uma ação do Projeto de Extensão Universitária *Faça Sua Parte: DoeAção*, desenvolvido em parceria com cursos de graduação da área da saúde de uma instituição de ensino superior, com o propósito de promover a Educação em Saúde na Comunidade. As atividades foram conduzidas por extensionistas voluntários de diferentes cursos, em uma instituição voltada ao atendimento de pessoas com deficiência intelectual. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), publicada em 1947, saúde é definida como "um completo bem-estar físico, mental e social", o que evidencia que a educação em saúde é um instrumento essencial para alcançar a saúde universal.

A experiência iniciou-se com a definição da temática central, seguida pelo planejamento, construção de materiais e organização das ações a serem aplicadas. Todo o processo foi cuidadosamente discutido com a gestora da instituição parceira, de modo que as atividades contemplassem as demandas observadas e respeitassem o espaço disponível. A elaboração dos materiais fundamentou-se em evidências científicas, priorizando a clareza e o interesse do público. Optou-se por um vocabulário acessível e estratégias lúdicas, com metodologias ativas, como rodas de conversa, demonstrações práticas e simulações realísticas, que favoreceram a participação e o aprendizado coletivo.

Durante o desenvolvimento das ações, utilizou-se uma variedade de recursos didáticos, como apresentações em slides, objetos concretos (preservativos, absorventes e modelos anatômicos), além de dinâmicas de grupo. Tais instrumentos despertaram curiosidade e facilitaram o entendimento dos participantes, tornando o aprendizado mais significativo. As rodas de conversa se mostraram fundamentais, promovendo um espaço de diálogo, escuta ativa e acolhimento. Os temas abordados incluíram higiene pessoal e autocuidado, sexualidade e prevenção de gravidez indesejada, relações interpessoais e emoções.

De acordo com Abreu FSD e Pederiva PLM (2023), a sexualidade de pessoas com deficiência deve ser compreendida como parte essencial da vida humana, exigindo espaços educativos que promovam informação, respeito e autonomia. Essa concepção norteou toda a ação, motivando os extensionistas a tratar o tema com sensibilidade e empatia, rompendo tabus e preconceitos e promovendo um ambiente de confiança e valorização da individualidade de cada participante.

Com base nas reflexões de Abreu AM, et al. (2023), compreendeu-se que a educação em saúde, quando pautada em informações claras e acessíveis, contribui para escolhas conscientes e seguras. Essa percepção foi confirmada na prática: ao longo das atividades, observou-se que os alunos demonstravam interesse genuíno em compreender o próprio corpo e modos de se cuidar, especialmente quando os temas eram apresentados de maneira visual e interativa. Essa troca evidenciou que a ausência de orientação adequada aumenta a vulnerabilidade e que a educação participativa tem o poder de transformar a forma como o indivíduo se relaciona com a própria saúde e com o outro.

No primeiro encontro, os extensionistas iniciaram uma conversa aberta sobre sexualidade e higiene corporal. A abordagem foi leve e gradual, permitindo identificar o nível de compreensão dos participantes e construir um ambiente de escuta e confiança. O grupo se mostrou curioso e participativo, fazendo perguntas

e compartilhando experiências do cotidiano. Esse momento foi marcado por risos, expressões de surpresa e um visível interesse em aprender, demonstrando a importância de abordar temas que muitas vezes são negligenciados. O uso de imagens ilustrativas e linguagem simples auxiliou na assimilação dos conteúdos, reforçando a importância da higiene e da sexualidade como pilares do bem-estar e da qualidade de vida.

No segundo momento, o foco recaiu sobre os métodos contraceptivos, especialmente os preservativos masculino e feminino. A explicação prática, com o uso de materiais reais e linguagem acessível, despertou curiosidade e desmistificou conceitos equivocados. Foi notável a atenção dos alunos ao observar as demonstrações e a segurança com que passaram a formular perguntas. Essa vivência evidenciou a relevância da prática extensionista como ponte entre o conhecimento acadêmico e as necessidades concretas da comunidade, além de reforçar a sensibilidade dos extensionistas ao adaptar a linguagem técnica à realidade dos participantes.

A higiene corporal, elemento essencial da saúde física e mental, foi trabalhada de forma integrada às demais temáticas. Durante as discussões, percebeu-se que muitos alunos possuíam dúvidas simples, porém fundamentais, sobre cuidados diários e o uso adequado de produtos de higiene. Os extensionistas relataram que, ao longo da conversa, observaram um crescente interesse dos participantes, especialmente quando os temas eram associados a situações cotidianas e exemplificados de modo prático. Assim, reforçou-se o aprendizado sobre o autocuidado e a manutenção do bem-estar (RIBEIRO VS, et al., 2024).

Em consonância com Costa LL, et al. (2024), a equipe compreendeu que a higiene deve ser trabalhada como eixo central da prevenção de doenças e promoção da saúde. Nesse sentido, o uso de metodologias ativas mostrou-se eficaz: os jogos, as simulações e as demonstrações concretas criaram um ambiente participativo, onde os alunos se sentiram parte do processo. Essa vivência também gerou aprendizado significativo aos extensionistas, que relataram ter desenvolvido maior sensibilidade, paciência e habilidade comunicativa ao lidar com um público com deficiência intelectual.

No terceiro momento, a apresentação dos objetos de higiene e dos modelos anatômicos permitiu consolidar o conhecimento de forma concreta. Os participantes demonstraram encantamento e curiosidade, observando atentamente cada explicação. As perguntas feitas por eles refletiam uma compreensão crescente e genuíno interesse. Essa experiência proporcionou aos extensionistas a percepção de que o aprendizado vai além do conteúdo: trata-se também de criar laços, promover autoestima e fortalecer a autonomia dos indivíduos.

A coordenadora do projeto acompanhou todas as etapas, orientando os extensionistas quanto à condução das atividades e garantindo que o respeito e a ética norteassem o processo. A etapa de planejamento prévio, com envio de documento à instituição, definição do público-alvo, consentimento dos responsáveis e visita técnica, foi essencial para o êxito da ação. Tal preparação evidenciou o compromisso dos envolvidos com a responsabilidade social e o respeito ao espaço comunitário.

Na prática, o objetivo central foi transmitir conhecimento sobre educação sexual e higiene de maneira acessível, respeitando as especificidades cognitivas do público atendido. Abordaram-se temas como anatomia dos órgãos reprodutores, cuidados higiênicos, tipos e uso de absorventes, métodos contraceptivos e acesso gratuito à preservativos e lubrificantes. As perguntas e interações dos alunos revelaram não apenas curiosidade, mas também um desejo legítimo de aprender e se cuidar melhor, o que reforçou a importância de ações extensionistas com esse caráter educativo.

Participaram da ação extensionistas dos cursos de Enfermagem, Psicologia e Odontologia, que dividiram as explicações de acordo com o sexo dos participantes, buscando promover identificação e conforto. Essa estratégia favoreceu a interação e o envolvimento, tornando o momento mais dinâmico e descontraído. Ao final da atividade, tanto os alunos quanto os extensionistas relataram satisfação e aprendizado mútuo, os primeiros, por compreenderem melhor temas antes considerados tabus, e os segundos, por desenvolverem empatia, comunicação e responsabilidade social. A vivência reforçou que a educação em saúde é um caminho de troca, em que ensinar e aprender se tornam processos simultâneos e transformadores.

A partir dessa experiência, constatou-se o impacto social e acadêmico da ação, que transcendeu o simples repasse de informações. No campo social, percebeu-se a ampliação do acesso ao conhecimento em saúde e a valorização do autocuidado entre pessoas com deficiência intelectual, promovendo autonomia e inclusão. No campo acadêmico, a vivência fortaleceu o compromisso ético e humano dos extensionistas, que puderam aplicar os saberes teóricos de forma prática, crítica e empática. A interação com o público revelou-se um processo de construção coletiva, no qual o conhecimento foi compartilhado e ressignificado. Assim, o projeto reafirmou o papel da extensão universitária como elo entre a universidade e a sociedade, potencializando transformações sociais e pessoais por meio da educação em saúde.

DISCUSSÃO

A Extensão Universitária desempenha função essencial na educação em saúde, ao conectar o conhecimento teórico adquirido na academia com as necessidades da comunidade. Tais ações possibilitam o desenvolvimento de práticas que contribuem para a transformação social, inserindo no cotidiano a conscientização sobre o cuidado com a saúde, prevenção de doenças e promoção do bem-estar individual e coletivo (SANTANA RR, et al., 2021). Nesse contexto, compreende-se que a sexualidade, no cotidiano de pessoas com deficiência intelectual, deve ser dialogada e vista como um papel central da atuação do projeto de extensão comunitária. Essa perspectiva permite que o processo educativo vá além da simples transmissão de informações, promovendo vivências que valorizam o respeito, a empatia e a compreensão das diversidades humanas. O envolvimento dos extensionistas em ações dessa natureza favorece a formação crítica, sensível e ética dos futuros profissionais de saúde, estimulando o reconhecimento de que a promoção da saúde envolve dimensões físicas, emocionais e sociais integradas.

A sexualidade é um processo estruturado ao longo do desenvolvimento do indivíduo, influenciado pelo ambiente, pela cultura e pelas experiências sociais. A educação afetivo-sexual atua como ferramenta transformadora, promovendo mudanças comportamentais e normas relacionadas à saúde sexual (ELIAS MA e SANTANA JC, 2022). No entanto, para pessoas com deficiência intelectual, essa temática permanece marcada por tabus, muitas vezes impedindo o pleno exercício de sua sexualidade e afetividade, o que pode gerar sofrimento e fragmentar sua experiência de ser e viver (COSTA FILHO JA, et al., 2024). A ausência de espaços educativos seguros reforça o silenciamento e o estigma, o que demonstra a importância de promover práticas pedagógicas humanizadas e contínuas, que respeitem o ritmo e a singularidade de cada indivíduo.

Apesar de a sexualidade, a saúde reprodutiva e o direito de constituir família serem direitos humanos universais, ainda constituem temas tabu para pessoas com deficiência intelectual, especialmente mulheres (PEREZ-CURIEL P, et al., 2023). Revisões sistemáticas demonstram que barreiras comunicativas e atitudinais limitam o acesso a esses direitos, evidenciando a necessidade de compreender a saúde sexual e reprodutiva de forma holística, incluindo bem-estar físico, emocional, mental e social, bem como autonomia, integridade corporal, privacidade e liberdade de decisão ao longo da vida. Assim, o papel da extensão universitária se torna ainda mais relevante, ao atuar como ponte entre o conhecimento científico e a realidade social, promovendo o empoderamento e o exercício da cidadania entre pessoas historicamente marginalizadas.

Programas estruturados de educação sexual mostraram-se eficazes em diversos contextos. Na Espanha, o programa Saludiversex-M aumentou significativamente o conhecimento sobre sexualidade entre pessoas com deficiência intelectual moderada e reduziu preocupações de profissionais de apoio quanto a comportamentos desinibidos, demonstrando que tais intervenções também fortalecem os profissionais que trabalham com esse público (ESTRUCH-GARCÍA V, et al., 2025). Da mesma forma, intervenções voltadas para adolescentes mais velhos e adultos com deficiência intelectual apresentaram resultados consistentes, com aumento de conhecimento e melhora comportamental em relação a relacionamentos afetivos e prevenção de abusos (BLACK e KAMMES, 2021). Esses achados evidenciam que programas educativos baseados em evidências podem ser replicados e adaptados a diferentes faixas etárias e contextos culturais, mantendo sua efetividade e relevância. A vivência extensionista, ao seguir esses princípios, reforça o potencial transformador da educação participativa, que estimula a autonomia e o senso de pertencimento dos participantes.

A educação sexual inclusiva é igualmente relevante para adolescentes e jovens adultos, que, apesar de apresentarem níveis de atividade sexual semelhantes aos de seus pares sem deficiência, têm menor acesso à educação sexual adequada. Iniciativas que utilizam frameworks educativos fundamentados em design universal para a aprendizagem, com múltiplos formatos de mídia, linguagem clara e imagens ilustrativas, demonstram ser eficazes na promoção de um aprendizado acessível e não julgador (RODEN RC, et al., 2020). Esse tipo de abordagem também contribui para desconstruir a visão capacitista que frequentemente restringe a expressão da sexualidade entre pessoas com deficiência, permitindo que se reconheçam como sujeitos de direitos, capazes de sentir, amar e exercer escolhas sobre o próprio corpo.

Além disso, programas aplicados a crianças com deficiência intelectual utilizando o Modelo de Aprendizagem por Maestria aumentaram o conhecimento sobre saúde sexual e desenvolvimento, enquanto os pais apresentaram maior conscientização sobre o tema. Os efeitos positivos foram mantidos um mês após a intervenção, reforçando a importância de estratégias educacionais sistematizadas para promover aprendizado duradouro e impacto positivo na saúde sexual e afetiva (KURT e KÜRTÜNCÜ, 2024). Esses resultados evidenciam que o envolvimento familiar e institucional é indispensável para consolidar uma rede de apoio efetiva, garantindo continuidade e coerência às ações educativas.

Dessa forma, a interação entre acadêmicos de saúde e a comunidade contribui para a consolidação do entendimento, autonomia e segurança dos indivíduos em relação à sua sexualidade e saúde, evidenciando que a educação afetivo-sexual deve ser compreendida como processo biológico, psicológico e social presente em todas as fases da vida (FERNANDES ET, et al., 2023). Além de fortalecer o público-alvo, a atuação extensionista conscientiza os acadêmicos sobre seu papel social, ampliando sua visão para além das instituições hospitalares ou clínicas e reforçando a promoção da autonomia e do protagonismo do indivíduo. Essa troca mútua transforma o processo educativo em uma via de mão dupla, em que tanto os participantes quanto os extensionistas aprendem, compartilham e ressignificam seus saberes.

Por fim, o planejamento e a execução do projeto de extensão demonstram que ações de educação sexual não apenas promovem conscientização, mas também fomentam diálogo sobre afetividade, prazer, direitos sexuais e prevenção de danos, proporcionando um espaço inclusivo e alinhado às políticas públicas. A replicação de práticas educativas estruturadas, fundamentadas em evidências nacionais e internacionais, evidencia a relevância da Extensão Universitária como ferramenta transformadora para pessoas com deficiência intelectual, promovendo saúde, autonomia e protagonismo social. A experiência vivenciada reforça que o aprendizado extrapola o ambiente acadêmico e se consolida no contato humano, na empatia e no compromisso ético de contribuir para uma sociedade mais justa, inclusiva e consciente de seus direitos.

REFERÊNCIAS

1. ABREU AM, et al. Saúde sexual e reprodutiva como estratégia de promoção de saúde no ambiente escolar: relato de experiência. Saúde em Redes, 2023; 9(2): e4065.
2. ABREU FSD, PEDERIVA PLM. Educação em sexualidade e deficiência intelectual: produção da pós-graduação brasileira (2000–2020). Revista Exitus, 2023; 13(1): e023001.
3. BLACK RS, KAMMES RR. Sexuality interventions for individuals with intelectual disability. Education and Training in Autism and Developmental Disabilities, 2021; 56(4): 371-393.
4. BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 29 set. 2025.
5. BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília: Presidência da República, 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 29 set. 2025.
6. BRASIL. Ministério da Educação. Extensão em participação social: documento de referência. Brasília: MEC, 2023. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/media/extensao_em_participacao_social.pdf. Acesso em: 29 set. 2025.

7. CASSIAVILLANI TP, ALBRECHT MPS. Educação sexual: uma análise sobre legislação e documentos oficiais brasileiros em diferentes contextos políticos. Educação em Revista, 2023; 39: e29794.
8. COSTA LL, et al. Higiene e saúde: uma estratégia de educação desenvolvida por integrantes do PET-Saúde em Nova Floresta-PB. Caderno Impacto em Extensão, 2024; 3(2): e2241. Disponível em: https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/cite/article/view/2241. Acesso em: 2 out. 2025.
9. COSTA FILHO JA, et al. Orientação sexual para pais e pessoas com deficiência. Apae Ciência, 2024; 21(1): 110-115.
10. ELIAS MA, SANTANA JC. Educação em sexualidade & extensão: construindo um cenário através das produções do Seminário de Extensão Universitária da Região Sul – SEURS. Revista Educar Mais, 2022; 6: 221-235.
11. ESTRUCH-GARCÍA V, et al. An affective-sexual education program for people with moderate intelectual disabilities: analysis of its effectiveness in the Spanish context. Perspectives on Sexual and Reproductive Health, 2025; 57(1): 95-103.
12. FERNANDES ET, et al. O papel da enfermagem na educação sexual nas escolas. JNT Facit Business and Technology Journal, 2023; 46(3): 415-424.
13. GIL-LLARIO MD, et al. People with intelectual disabilities' sexuality from three different perspectives: parents, professionals, and them selves. Journal of Applied Research in Intellectual Disabilities, 2023; 36(6): 1337-1344.
14. HOLE R, SCHNELLERT L, CANTLE G. Sex: whatisthe big deal? Exploring individuals with intelectual disabilities' experiences with sex education. Qualitative Health Research, 2022; 32(3): 453-464.
15. KURT A, KÜRTÜNCÜ M. The effectiveness of sexual health and development education given to children with intelectual disabilities: a randomized controlled study. Journal of Pediatric Nursing, 2024; 75: e49-e57.
16. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Constituição da Organização Mundial da Saúde. Nova Iorque: OMS, 1946. Disponível em: https://www.who.int/about/governance/constitution. Acesso em: 10 out. 2025.
17. PARANAIBA MV, et al. Relato de experiência de uma oficina sobre sexualidade com jovens de uma escola pública de Uberlândia, Minas Gerais. Revista Em Extensão, 2020; 18(2): 142-154.
18. PEREZ-CURIEL P, et al. The right to sexuality, reproductive health, and found a family for people with intellectual disability: a systematic review. International Journal of Environmental Research and Public Health, 2023; 20(2): 1587.
19. RIBEIRO VS, et al. Um projeto de extensão sobre a importância de atividades de lazer, relações interpessoais e higiene pessoal para utentes de uma unidade institucional de acolhimento provisório à pessoas em situação de rua: relato de experiência. Revista Contemporânea, 2024; 4(12): e6961.
20. RODEN RC, et al. Sexual healtheducation for adolescentes and Young adults with intelectual and developmental disabilities: recommendations for accessible sexual and reproductive health information. The Lancet Child & Adolescent Health, 2020; 4(9): 699-708.
21. SARAN A, et al. Effectiveness of interventions for improving social inclusion outcomes for people with disabilities in low- and middle-income countries: a systematic review. Campbell Systematic Reviews, 2023; 19(1): e1316.
22. SANTANA RR, et al. Extensão universitária como prática educativa na promoção da saúde. Educação & Realidade, 2021; 46(2): e98702.